

Desafios e limitações na comunicação entre discente e docentes do PARFOR na realidade amazônica

Challenges and limitations in communication between PARFOR students and teachers in the Amazonian reality

Maria Inez Pereira de Alcântara ¹
Vanquindar Ferreira Mar Júnior ²

Resumo

O texto aborda um relato de experiência realizada num município do Amazonas, com uma turma de Pedagogia, do PARFOR, em que ministramos aulas de Psicologia Geral e da Personalidade. A turma em questão, abrigava estudantes indígenas e não indígenas. A pergunta de partida que originou este relato foi a seguinte: como estabelecer a ação comunicativa e reflexiva na relação didática, se os sujeitos envolvidos apresentam limitações na compreensão do código linguístico um do outro? Os objetivos são, em primeiro lugar, relatar os principais desafios e limitações encontrados no desenvolvimento das aulas, principalmente aqueles relacionados aos procedimentos avaliativos e, em segundo lugar, socializar algumas proposições didáticas referentes a esses procedimentos. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação. Os resultados alcançados dizem respeito à melhoria do desempenho dos discentes e do docente e, sobretudo, às adaptações dos instrumentos de avaliação da aprendizagem à realidade da turma, cuja descrição se encontra no corpo deste texto. Finalmente, apresentamos algumas sugestões para serem desenvolvidas com docentes, que tenham a pretensão de ministrar aulas em turmas com as características aqui apontadas.

Palavras-chave

Parfor. Comunicação. Avaliação.

Abstract

The text addresses an experience report carried out in a municipality of Amazonas, with a group of Pedagogy, PARFOR, in which we teach classes in General Psychology and Personality. The class in question housed indigenous and non-indigenous students. The starting question that gave rise to this report was: how to establish communicative and reflexive action in the didactic relationship, if the subjects involved present limitations in the understanding of the linguistic code of each other? The objectives are, first, to report the main challenges and limitations encountered in the development of classes, especially those related to evaluation procedures and, secondly, to socialize some didactic propositions referring to these procedures. The methodology adopted was action research. The results obtained are related to the improvement of the performance of students and the teacher and, above all, to the adaptations of the instruments of evaluation of learning to the reality of the class, whose description is in the body of this text. Finally, we present some suggestions to be developed with teachers, who intend to teach classes in classes with the characteristics indicated here.

Keyword

Parfor. Communication. Evaluation.

Introdução

A experiência ora relatada, aconteceu num município amazônico, com uma turma de Pedagogia, do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR). O referido plano tem como objetivo induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício na rede pública de educação básica, para que esses profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e contribuam para a melhoria da qualidade da educação básica no País. (Brasil, 2009).

O que nos estimulou a fazer esse registro foram os inúmeros desafios enfrentados pelos professores formadores que ministram aulas nos diferentes municípios do estado do Amazonas. Os desafios encontrados vão desde o deslocamento da capital para os municípios, questões de logística para entrega de material de apoio, até a comunicação entre docentes e discentes. Este último foi fundamental para a produção deste texto, em virtude de a turma abarcar discentes indígenas e não indígenas.

Essa constatação foi desafiadora para estabelecimento da comunicação entre os sujeitos envolvidos na ação educativa, considerando a tríade necessária para que a comunicação se efetive, ou seja, o locutor, o interlocutor e a mensagem.

Além desses aspectos importantes para que a mensagem seja transmitida, é necessária a ação reflexiva do interlocutor, mas como estabelecê-la se os sujeitos da comunicação não dominam o código linguístico um do outro? Essa indagação foi fundamental para escrita do presente relato.

Uma breve contextualização

O município amazônico onde a experiência foi realizada possui uma população estimada em 8.078 habitantes, área da unidade territorial 25.260,429 Km², densidade demográfica (hab/Km²) 0,32. IBGE (2010). Esse imenso território abriga povos indígenas das etnias Deni, Kulina e Kanamari.

Quando chegamos ao município, estávamos com o plano de ensino do componente curricular Psicologia Geral e da Personalidade, elaborado para uma realidade que contemplava discente falante da nossa língua. Para nossa surpresa, dos 44 (quarenta e quatro) discentes, havia 05 (cinco) que eram indígenas, falavam nossa língua com algumas limitações, apresentando, contudo, pouca eficiência na linguagem escrita face aos padrões gramaticais da nossa cultura. Em virtude dessa realidade, tivemos que fazer adequações no plano de ensino, no que concerne aos procedimentos metodológi-

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em Educação Infantil pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutoranda do Curso de Pós Graduação em Ciências da Educação da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Docente da Universidade Nilton Lins. Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: cilumarc@yahoo.com.br.

² Especialista em Metodologia do Ensino Superior. Mestre em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: junioralliance@hotmail.com.

cos e, principalmente, nos avaliativos. Neste trabalho focalizaremos nossa atenção nos procedimentos de comunicação na interface com a avaliação.

A comunicação na interface com a avaliação.

A comunicação pode ser definida, de forma simplificada, como um processo de troca de informações. Esta pode se concretizar através de gestos, de movimentos, de imagens, de escrita, mas, principalmente, através da fala. No desenvolvimento da comunicação, passamos por algumas fases. A fase oral, na qual a informação era passada de geração a geração, através da fala, em seguida, a fase da escrita e, atualmente, a fase digital. No entanto, a linguagem oral em nenhuma das fases, perdeu seu espaço. É falando que ainda hoje nos comunicamos com nossos pares. Em toda a história da humanidade a comunicação foi e ainda é condição imprescindível para a sobrevivência da espécie humana.

Em todos os aspectos da espécie humana, a comunicação está presente. No processo educativo, a comunicação é essencial, pois uma não existe sem a outra. É necessário estabelecimento de diálogo reflexivo, como diz Freire (1986) - o diálogo é o ponto de partida para uma educação emancipatória. É uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos.

Dessa maneira, não tem como desvincular o ato de comunicar do ato de educar. Nestes, estão imbricados aspectos relevantes que se desenvolvem no ambi-

ente escolar, como a relação professor aluno, procedimentos metodológicos, recursos de ensino e avaliação, sendo este último aspecto, nosso objeto principal.

De acordo com Libâneo (1994), a avaliação é uma tarefa didática complexa, necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Os resultados dela vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias.

Adequando os procedimentos avaliativos ao contexto real.

De acordo com a proposta pedagógica do PARFOR, cada disciplina deve realizar 03 (três) avaliações. Avaliação parcial 1 (AP1), avaliação parcial 2 (AP2) e avaliação final. No plano inicial, as avaliações seriam realizadas individualmente, porém diante da realidade, foram necessárias fazer algumas alterações que atendessem ao contexto real da turma. Para tanto, recorreremos à metodologia da pesquisa ação, que permite ao pesquisador trabalhar a partir dos problemas detectados e buscar soluções em conjunto com todos envolvidos no processo.

Dessa maneira a AP1, foi realizada em grupo. O instrumento de avaliação foi composto por 07 (sete) questões, sendo 06 objetivas e uma dissertativa. Nela tivemos o cuidado de inserir em cada grupo um discente indígena. Durante a realização da mesma, observamos que os "parentes",

como eram carinhosamente chamados pelos demais colegas, participavam das discussões com segurança, porém, na hora de escrever, sentiam dificuldades.

Para a AP2, organizamos a turma em ciclo, e o grupo a ser avaliado ficava no meio. Elaboramos questões objetivas, confeccionamos placas para todos os grupos com letras A, B, C, e D. As questões eram projetadas (data show), e os componentes do grupo tinham 01 (um) minuto para discutir a possível resposta e indicá-la através da placa a alternativa correta.

Finalmente, a prova final. Esta foi realizada em dupla. Nossa intenção era avaliar, além dos conceitos propostos pela ementa do componente curricular, avaliar o respeito pela cultura do outro e, principalmente, os conceitos apreendidos pelos "parentes". Dois deles formaram dupla com o "branco"; os outros três ficaram juntos, formando uma trinca.

As perspectivas quanto aos resultados do aprendizado da trinca formada pelos indígenas ou parentes foram satisfatórias, pois tivemos oportunidade de ouvir as discussões entre eles, e deduzir que as dificuldades apresentadas eram relacionadas à linguagem escrita. Da nossa parte, enquanto formadora, foi uma experiência incrível e desafiadora mas, sobretudo, promotora de novos conceitos quanto a turmas com culturas tão diferenciadas do ponto de vista étnico e cultural.

Considerações finais

Não há dúvida de que a comunicação é fator preponderante na interface com a educação. A experiência com estudantes de etnias diferentes, configura-se como desafio para docentes e discentes. É ne-

cessário um olhar diferenciado para essa realidade em todos os aspectos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem, sobretudo no que se refere aos processos avaliativos.

Assim, propomos um mapeamento das turmas que tenham grupos étnicos, para fornecer, aos docentes formadores, informações básicas sobre a realidade cultural dos povos indígenas visando o desenvolvimento de ações educativas mais adequadas, que promovam uma educação mais promissora e significativa a todos participantes do processo educacional. ■

Referências

BRASIL/CAPES (2009). Disponível em <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>. Acesso em 04/09/2016.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Cortez Editora: São Paulo, Coleção Magistério 2º Grau Série Formando Professor, 1994.

IBGE. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=130195&search>. Acesso em 14/09/2016.

FREIRE, Paulo. Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor. Trad. Adriana Lopez. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção educação e Comunicação, v. 18).

